



CORPO DESCONEXO: O (A) IMIGRANTE NO TG1 ITALIANO

DISCONNECTED BODY: THE IMMIGRANT IN ITALIAN TG1

CUERPO DESCONECTADO: EL INMIGRANTE EN EL TG1 ITALIANO

Fabiane Cristina Albuquerque¹

 10.21665/2318-3888.v10n19p12-39

RESUMO

Este artigo traz alguns dos resultados de minha pesquisa de doutorado sobre o corpo do (a) imigrante na mídia italiana, cuja coleta de dados foi feita entre os meses de dezembro de 2018 e junho de 2019. Por seis meses assisti e coletei imagens e discursos no arquivo online do telejornal estatal, com o maior índice de audiência no país, o Telejornal 1 (TG1), do canal estatal RAI1, das 20 horas, acerca da produção imagética do corpo(i) migrante. A escolha da fonte se deu devido à importância da Itália no contexto atual das migrações, como uma das principais portas de entrada, através do mar Mediterrâneo, para refugiados e imigrantes a caminho da Europa. Além disso, na minha pesquisa de mestrado, durante o trabalho de campo na cidade de Verona, os corpos se impuseram como o elemento latente na questão do discurso da insegurança, tanto pelos imigrantes quanto pelos italianos entrevistados. Nos últimos anos, a Itália também aprovou uma série de leis que violam direitos e tratados internacionais, criminalizam e dificultam a entrada e a permanência de imigrantes no seu território, além de propagar uma política racista, xenófoba e produtora de violência contra corpos racializados. Estudar uma das agências produtora e reprodutora de corporeidades que, apontam corpos matáveis e descartáveis, e exerce um grande poder simbólico sobre as famílias, é de suma relevância no contexto globalizado.

Palavras-chave: Imigrante. Corpos. Mídia. Itália. Desconexo.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de Campinas com a tese “Corpo Suspenso: O (a) imigrante na mídia italiana” (2020), mestre em sociologia pela Universidade de Campinas com a dissertação “Imigração e Insegurança: representações aprisionam? Uma etnografia no bairro Veronetta-Italia” (2017), master em Filosofia pela Universidade de Verona (2014), Master in Comunicação Intercultural pela Universidade de Verona (2011), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2008). E-mail: fabcrisbr@hotmail.com. Orcid:0000-0001-9489-5367.



ABSTRACT

This article brings some of the results of my doctoral research about the immigrant's body in the Italian media, whose data collection took place between the months of December 2018 and June 2019. For six months I watched and collected images and speeches in the online archive of the state TV news with the highest audience rating in the country, *Telejornal 1 (TG1)*, of the 8 pm state channel RAI 1, about the imagetic production of the (i) migrant body. The choice of the source was due to the importance of Italy in the current context of migrations, as one of the main gateways, through the Mediterranean Sea, for refugees and immigrants on their way to Europe. Moreover, in my master's research, during fieldwork in the city of Verona, bodies imposed as the latent element in the issue of insecurity discourse, by the immigrants and Italians interviewed. In recent years, Italy has also passed a series of laws that violate rights and international treaties, criminalize and make it difficult for immigrants to enter and stay in its territory, in addition to propagating a racist, xenophobic and violence-producing policy against racialized bodies. Studying one of the producing and reproducing agencies of corporealities, which point out killable and disposable bodies, and which exerts a great symbolic power over families, is of utmost relevance in the globalised context.

Keywords: Immigrant. Bodies. Media. Italy. Disconnected.

RESUMEN

Este artículo aporta algunos de los resultados de mi investigación de doctorado sobre el cuerpo del inmigrante (a) en los medios de comunicación italianos, cuya recogida de datos tuvo lugar entre los meses de diciembre de 2018 y junio de 2019. Durante seis meses observé y recopilé imágenes y discursos en el archivo online del noticiero de televisión estatal con mayor índice de audiencia del país, *Telejornal 1 (TG1)*, de la cadena estatal RAI1 de las 20:00 horas, sobre la producción de las imágenes del cuerpo del migrante(i). La elección de la fuente se debió a la importancia de Italia en el contexto actual de las migraciones, como una de las principales puertas de entrada, a través del Mar Mediterráneo, de refugiados y migrantes en su camino hacia Europa. Además, en mi investigación de máster, durante el trabajo de campo en la ciudad de Verona, los cuerpos se impusieron como elemento latente en el discurso de la inseguridad, tanto por parte de los inmigrantes como de los italianos entrevistados. En los últimos años, Italia también ha aprobado una serie de leyes que violan los derechos y los tratados internacionales, criminalizan y dificultan la entrada y permanencia de los inmigrantes en su territorio, además de propagar una política racista, xenófoba y generadora de violencia contra los cuerpos racializados. El estudio de una de las agencias productoras y reproductoras de corporalidades, que señalan cuerpos matables y desechables y que ejerce un gran poder simbólico sobre las familias, es de máxima relevancia en el contexto globalizado.



Palabras clave: inmigrante; cuerpos; medios de comunicación; Italia; desconectados.

1. Introdução

A notícia televisiva é um gênero diferente de programas de auditório, sendo essa ao mesmo tempo, visual e auditiva, mediada por uma narrativa. A notícia está vinculada à imagens que, nas sociedades contemporâneas, possuem função de dramatização, de choque e de espetáculo (GOMES, 2011), além de servir como “prova” da verdade. Em sociedades multiculturais, os telejornais também revelam o discurso sobre a diferença cultural no interior do país e, atreladas aos interesses dominantes, palavras e imagens de corpos migrantes são apresentadas de forma a criar e/ou reforçar estereótipos, racismo e xenofobia. As imagens também criam, apesar de se tratar de corpos reais, a partir da maneira de enquadrá-los e das narrativas que as acompanham, vidas matáveis, desumanizadas por uma estética da violência, da pobreza, do atraso, do desafeto e da criminalidade, acompanhada de discursos que os retiram os imigrantes do tempo e do espaço social dos sujeitos legítimos e os tornam desconectados do resto da sociedade.

Trabalho com a palavra “corpo” por dois motivos: primeiro, não faço a divisão dualista e cartesiana de corpo x pessoa, corpo x mente. Muitos coletivos e movimentos pelos direitos das minorias trabalham com o termo substituindo aquele de sujeito, de forma positiva ou como marca de vidas precárias, cuja cidadania não é igual àquela de sujeitos normativos (europeu, branco, hetero, cristão etc.). É no corpo que recai as opressões diárias e, ao mesmo tempo, é ele potência de luta e reivindicação. Por outro lado, “corpo” é uma das palavras mais ouvidas na mídia italiana, desde que começaram a aparecer, nas praias e no mar mediterrâneo, imigrantes e refugiados afogados na travessia do mar Mediterrâneo.



No período de pesquisa, o governo italiano era constituído pelo Movimento Cinco Estrela e o Partido de extrema direita, a Lega, que foi responsável pela indicação do diretor do canal estudado e do diretor do telejornal (RAI 1 e TG1). Isso diz muito sobre um campo (jornalismo) que é ao mesmo tempo dependente das forças políticas, mas que também reproduz a cultura dominante da sociedade e o senso comum do país, pois, há anos, ele tem a mesma linha editorial, independente de governos, ou seja, conservadora².

Foram vistas 179 edições em seis meses. No início, a escolha das notícias se deu pelos títulos das chamadas que continham palavras como “imigração”, “imigrantes”, “migrações” ou “refugiados”. Mas, com o decorrer da pesquisa, esta escolha mostrou-se problemática, pois, descobri, vendo outras notícias que não traziam tais palavras, que a fonte não chamava de imigrante quem *já* estava no território, mas apenas aqueles que estavam a caminho, em embarcações. Logo, havia um conflito entre o termo oficial e aquele usado pelo TG1. Por isso, decidi ver todas as edições. Ao assistir, se a notícia falava de algum cidadão de origem estrangeira, eu pausava o vídeo, recortava as imagens e as reportava a um arquivo. Como a maioria foram da travessia no mar Mediterrâneo, escolhi apenas algumas para colocar na tese. Além de copiar as imagens, anotava as falas referentes a elas em um caderno para não mudar o sentido do enquadramento dado pela fonte.

Já nos primeiros dias de coleta de dados notei que, o que o TG1 chamava de imigrante eram aqueles que ainda estavam a caminho da Itália, nas embarcações, sem um *status* jurídico definido. Enquanto os que já viviam no território nacional eram chamados por suas nacionalidades, como por exemplo, “cidadão de origem marroquina” ou “senegalês”, ligados, sobretudo, à criminalidade e à falta de vínculos

²⁰ TG1 é considerado o telejornal mais conservador da televisão pública estatal italiana (RAI) e, mesmo nos governos do Partido Democrático ou de Silvio Berlusconi (direita), sua linha editorial não foi alterada. A imigração é, há décadas, retratada pela fonte como um problema e os imigrantes são recorrentemente apresentados em casos de criminalidade e de degrado para o país.



com a sociedade. Com isso, a fonte dava a sua própria definição do que era o imigrante e construía um tipo de corpo desconexo da sociedade, impondo, *a priori*, um *status* àqueles que chegam e que ainda precisam ser identificados, corroborando para a criação de uma imagem/representação do imigrante (e de seu corpo), que apagava a figura do refugiado³ garantida pelo direito internacional.

A metodologia utilizada foi a qualitativa, através da análise de discurso e das imagens, além de utilizar um conceito fundamental do jornalismo, o Enquadramento (*Framing*). O *Framing* diz respeito ao ângulo da câmara, ao que se quer enfatizar e mostrar e, ao mesmo tempo, ao que se deixa de fora do campo visual. Esta é uma decisão política, jamais neutra, e está ligada à ideologia do telejornal, a saber, considerado de linha conservadora e que reforça os estereótipos sobre imigrantes e minorias⁴. Ilvo Diamonti, na abertura do *VII Rapporto Carta di Roma* (2019), pontuou que “são raros os casos em que os refugiados e os requerentes de asilo são representados como indivíduos dotados de capacidade de ação e de controle e, por outro lado, quando acontece, a orientação do título é prevalentemente negativa”, sobretudo no TG1 que possui o menor número de entrevistas e vozes diretas dos imigrantes em comparação, por exemplo com o telejornal do canal RA1 3, de notícias locais. Nesta pesquisa, o Enquadramento confirma o que Diamonti diz, os corpos são mostrados em grupos, não falam por si, estão sempre na precariedade, em situação de sofrimento, morrendo ou sendo salvos por europeus, como na imagem abaixo.

³ O direito de refúgio e de asilo político possuem regulação pelo organismo internacional ACNUR, da Organização das Nações Unidas e obriga países a acolher pessoas cujo *status* é comprovado.

⁴Marrone (1998, p. 265, 266) vai dizer que a grande força do TG1 está em se afirmar enquanto “O Telejornal”, único em estilo, buscando “distribuir as várias vozes” dos atores políticos e se colocando como prestador do “serviço” e do “dever” de informar: “O TG1 trabalha, sobretudo, na manutenção de si”, o que, para o autor, “não significa que o TG1 vive somente de renda, herdando da tradição histórica da televisão aqueles traços estilísticos que deve se limitar a preservar o mais possível”. Uma das características do TG1 é o conservadorismo.

Figura1 - Resgate de “imigrantes” negros por homens brancos



Fonte: Imagem exibida pelo telejornal TG1 na edição do dia 20, jan. 2019.

O jornal digital AFFARI ITALIA de janeiro de 2019, publicou o índice de audiência de todos os telejornais, da televisão pública e privada e sobre o TG1 apontou:

O TG1, dirigido por Giuseppe Carboni, que lidera de maneira estável o ranking dos noticiários nacionais ao meio-dia e à noite, não conhece crise: a edição das 13h permanece para 3.534.652 de espectadores e 22,6% das ações médias, com um aumento de 0,54% na participação em relação ao ano passado; a edição mais vista de todos os tempos no cenário nacional, a das 20h e atinge os 5 milhões de espectadores médios (4.916.212), com uma participação de 23,6%, confirmando substancialmente os valores de 2017.⁵

Nos tópicos abaixo trago a ideia de “Corpo desconexo”, ligado à sua desterritorialidade, ausência de origem, biografia e perspectiva de chegada, ao provisório, fora do tempo e do espaço. Como as notícias foram prevalentemente

⁵ Affaritaliani.it, terça feira, 01 de janeiro de 2019, serviço de Klaus Davi. Site do jornal disponível em: <<https://www.affaritaliani.it/blog/prima-serata/ascolti-tv-auditel-tg1-resta-leader-mentana-579773.html>>. Acesso em: 22, abr. 2020.



sobre corpos nas embarcações, dividi a pesquisa em imagens “à caminho” da Itália, pelo mar Mediterrâneo, e “dentro do território”. Analisei os discursos construídos à serviços das imagens selecionadas dos corpos dentro e fora do território nacional. Por fim, traços algumas considerações finais e apresento a bibliografia utilizada para tecer os resultados encontrados.

2. Corpos Desconexos

Por que chamo de Corpos desconexos o imigrante no TG1? O imigrante, segundo a fonte, não está no território, não está dentro dos limites do Estado/Nação, não interage com a sociedade e nada contribui com ela. Ele ainda está a caminho, numa condição de suspensão e descontinuidade; ele é um “Cittadino che non c’è” (SIBHATU, 2004). Essa condição de corpos em constante movimento, que não encontram um porto seguro, uma terra firme, um trabalho fixo, uma casa ou uma narrativa da vida cotidiana linear e regular, uma família, uma rede de suporte, é condição de milhares de pessoas na atual fase do capitalismo financeiro, representando a condição de grande parcela da população mundial. Porém, o que vemos no Telejornal 1 é a despolitização e o alargamento dessa condição direcionada pelas narrativas e imagens a fim de que se veja nos próprios refugiados e, no que a fonte chama de imigrante, os responsáveis por essa situação, ampliando, assim, a desterritorialização e a desconexão com a sociedade de acolhida.

Uma coisa é a condição que muitos se encontram, outra é esta condição ser apresentada diariamente na tela da televisão, às famílias, sem as devidas causas estruturais dos deslocamentos, desconectada das políticas neoliberais das quais a União Europeia faz parte e impõe a outros países produtores de imigrantes e refugiados. Esta construção, através da seleção, enquadramento e discurso do



telejornal cria corpos que não suscitam empatia, luto ou comoção social pela violência que sofrem e a morte pela qual são submetidos na travessia do mar Mediterrâneo. Os corpos chamados de (i) migrantes não estão em lugar nenhum, segundo a fonte, o que dificulta qualquer legislação de protegê-los, tampouco o direito internacional⁶. Esta escolha lexical corrobora para que o país negue àqueles que chegam nos navios e barcos o direito de asilo político, pois a fonte, arbitrariamente, já os denomina imigrantes, com conotação econômica.

O mar Mediterrâneo tornou-se uma metáfora para se falar de pessoas excluídas de qualquer Estado de direito, corpos fora da política e alvos da *Necropolítica* (MBEMBE, 2016), entendida como uma violência deliberada, uma forma de política sobre os corpos que o Estado decide matar ou deixar morrer, através do exercício do *Necropoder*. Os discursos e imagens hegemônicas que circulam e cerceiam o campo visual dos cidadãos comuns contribuem com aquilo que Butler (2004) chama de “vidas precárias”, logo, facilmente extermináveis.

Essa condição ilustra bem a nova fase do capitalismo e sua crise, assim como sua busca de expansão por recursos e, conseqüentemente, a desvalorização da mão de obra através da flexibilização dos vínculos sociais e trabalhistas, da usurpação de terras e de riquezas de países, regiões e comunidades, levando grupos inteiros a um intenso e massivo fluxo migratório, assim como ao surgimento de novas figuras de êxodo (SASSEN, 2014; MBEMBE, 2017), cujos corpos são reduzidos a uma “corporeidade vazia, sem sentido, sem formas”, fora do espaço e do tempo

⁶ O direito Internacional acordado na Convenção de Viena em 1951 concede o direito ao asilo político e, por consequência, a não expulsão de pessoas sem análise prévia da situação de proveniência. Embora a Itália tenha assinado o tratado apenas para receber exilados europeus, durante sua história sempre abriu exceções, como no caso dos exilados da Ditadura chilena durante do golpe de Estado de Pinochet e recebendo iraquianos e palestinos, mostrando que, para além de uma legislação internacional, a questão é muito mais política (EINAUDI, 2007).



(MBEMBE, 2016, p. 21), encontrando impedimento de circulação, mobilidade e liberdade com as políticas de securitização dos países centrais.

Ser um “Corpo Desconexo” não é decisão dos deslocados, mas condição criada pela economia financeira, com a especulação de terras, as mudanças climáticas e modelos de governabilidades, apontando uma concepção de cidadania, de humanidade e daquilo que ruci (2008, p. 17) chama de “modo de sociabilidade”, a saber, baseada na conservação de posições “legítimas” de poder, de *status quo*, de “raça”, uma “biologização do pensamento social” (GUILLAUMIM, 1972, p. 4) que seleciona os corpos que podem adentrar ou não aquilo que Sassen (1999) chama de Fortaleza Europa.

2. 1 Corpos Desconexos a caminho da Itália

A maior parte das notícias sobre “imigrantes” no telejornal está relacionada à chegada de navios pelo mar Mediterrâneo, sem distinção de gênero, muito menos o destino final da migração ou perspectiva de uma vida que possa ser reconstruída após a travessia, pois, nos vídeos ou imagens não há um depois, salvo em casos de criminalidade, como se esse fosse o fim daqueles que chegam no país.

O enquadramento do TG1 privilegia apenas uma rota, aquela do Mediterrâneo e, a ênfase é em um tipo de corporeidade: corpo negro, masculino, jovem e na massa, apresentado de forma a não se reconhecer indivíduos, mas uma homogeneidade



naqueles que migram. Esse foco nos navios e no Mediterrâneo corrobora a narrativa épica mencionada pela fonte, como a comparação com uma *Odisseia*.⁷

Janeiro de 2019 foi o mês com maior número de notícias sobre navios, dos “Corpos Suspensos”. Segundo a fonte: “São pessoas que mostram marcas, cicatrizes das torturas sofridas no inferno da Líbia”, diz o prefeito de Siracusa, na Sicília, na edição do dia 26 de janeiro. O navio chamado Sea Watch precisava de autorização para desembarcar, mas nenhum país o acolheu. A Itália também negou a permissão. O apresentador do telejornal anuncia que o navio traz a bordo 47 “imigrantes” (termo usado pelo TG1) e esse pede ao governo italiano que autorize ao menos o desembarque de menores de idade. O jornalista lê a declaração do Ministro Matteo Salvini: “Sobre o navio Sea Watch não mudo de ideia e estou pronto para processar a tripulação.” Já a notícia sobre migrantes do dia 31 de janeiro traz a seguinte chamada: “Terminou a *Odisseia* da Sea Watch”. A jornalista, Emma D’aquino, anuncia o desembarque de “migrantes” no Porto de Catania e diz que os adultos foram para Messina, sugerindo que menores foram separados. Logo em seguida, Matteo Salvini, ministro da segurança, aparece falando em um programa televisivo “A linha firme convenceu a Europa”. Para a narrativa são apresentados corpos negros amontoados em embarcações.

Odisseia como metáfora para se referir aos refugiados que chegam pelo Mediterrâneo, é recorrente no TG1. Por que transformar em “aventura” um percurso onde milhares de pessoas perdem a vida diariamente? E por que o corpo negro é o representante da *Odisseia* no mar Mediterrâneo? O negro, construído como raça inferior, encarna o “desapossamento, o descartável, o solúvel” (MBEMBE, 2014,

⁷O termo se refere a um poema épico da Grécia antiga atribuído a Homero. O poema narra as aventuras de Odisseu, herói da Guerra de Tróia e, nesse poema, o protagonista viaja, conhece mares, luta e leva dez anos para chegar à terra natal.



p. 18) e, é ideal para a instrumentalização à serviço dessa narrativa. Dando-lhe certo tom de aventura, a chegada desses corpos, através de navios pode ser mostrada diariamente sem sentimento de culpa ou de horror, tampouco de luto com relação às mortes, vistas como efeito colateral pela ousadia de migrar. Ilvo Diamonti, na abertura do VII Rapporto Carta di Roma (2019), pontuou que “são raros os casos em que os refugiados e os requerentes de asilo são representados como indivíduos dotados de capacidade de ação e de controle e, por outro lado, quando acontece, a orientação do título é prevalentemente negativo”.

A ênfase na rota do Mediterrâneo, diga-se de passagem, racializada, é uma forma de sustentar essa narrativa épica, uma vez que nenhuma outra rota migratória ou de fuga de refugiados é privilegiada como essa, pois o perigo do mar, os corpos que naufragam, gritam por socorro ou se agarram a um fio de vida, mostrados pela fonte, torna a narrativa mais próxima da tragédia grega, transformando em espetáculo o sofrimento e as mortes diárias.

Figura 2 - Imagem editada por photoshop para destacar os corpos lançados ao mar



Fonte: Imagem exibida pelo TG1 na edição do dia 23, mai. 2019.

Silvia Federici (2015, p. 200) chama de “função corpórea” a utilização de corpos para fins políticos ou à serviço de uma ideologia. A função desses corpos chamados de “migrantes”, diga-se de passagem, negros, masculinos, sem famílias, sem origem e história, é a de banalizar essas mortes e neutralizar a comoção social diante da Necropolítica da União Europeia.

Figura 3- Chegada de uma embarcação cheia de refugiados



Fonte: Imagem do TG1 do dia 24, jan. 2019.

Na imagem abaixo, vemos o mar e três rapazes que miram o infinito. Por enquanto, nada de terra. Um dos corpos tem frio, pois está enrolado em um cobertor. São eles, corpos de homens, negros e jovens, o que se repete com frequência. É interessante notar que dificilmente os idosos são representados no fenômeno da migração. Talvez porque não haja uma perspectiva a partir da qual os corpos mostrados estejam inseridos, trabalhando, formando família, criando vínculos e envelhecendo na Itália. A imigração é um fenômeno jovem, segundo a representação dominante, o



que para Sayad se dá porque o imigrante é considerado força de trabalho, provisória e precária. Envelhecer no país, criar raízes e existir sem estar trabalhando é impensável para as sociedades acolhedoras (SAYAD, 2002). Por isso, o corpo velho não aparece na representação da imigração.

Figura 4 - Jovens “imigrantes” em um navio olhando para o mar



Fonte: Imagem exibida pelo TG1 na edição do dia 25, jan. 2019.

Figura 5 - Homens no interior de um navio se alimentando



Fonte: Imagem exibida pelo Telejornal TG 1 no dia 02, jan. 2019.

O Mediterrâneo ganhou bastante destaque na mídia internacional, embora não seja a região do globo a receber o maior número de imigrantes⁸, esta ênfase em determinada fronteira a despeito de outra é chamada de “fronteirização” ou “produção das fronteiras” (BABELS, 2018). Trata-se de um fenômeno dinâmico que marca o limite não só geográfico, mas social e político (GOIS, 2018), além de representar lugares de disputas e conflitos. As fronteiras da Europa sempre foram móveis e negociáveis, longe de serem fixas e naturalmente dadas, como nos mostra Balibar (2004) no seu livro “We, the people of Europe”.

Esse fenômeno da fronteirização diz muito sobre o que a Europa considera como “nós” e os “outros” na fase atual, pois o seu território, internamente e externamente,

⁸ Segundo a revista Forbes de 2015, Líbano e Jordânia são os principais países que receberam refugiados. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/listas/2015/06/10-paises-com-mais-refugiados/#foto7>. Acesso em: 20, dez. 2019.



através da securitização das suas fronteiras, diz muito sobre quem está fora e quem está dentro, para quem alargar o direito de uma “cidadania europeia” ou não (cidadão comunitário), como, por exemplo, a entrada da Romênia e Polônia e a rejeição da Turquia. Esta última intenta fazer parte da União Europeia desde os anos 80, mas o argumento principal, embora tenha assinado diversos dos tratados internacionais e alinhado muito de suas políticas econômicas com aquela europeia, é a incompatibilidade com a civilização ocidental, com a cultura, a religião e a política dos países da Europa Central.

Nos últimos trinta anos, as fronteiras do Mediterrâneo passaram de um “espaço movimento de passagem a um espaço líquido” (BABELS, 2018, p. 9) onde os países dessa zona são atualmente apontados como *borderzona* que precisam ser extremamente controlados, produzindo nesses espaços três tipos de uso: barreira, passagem e ancoragem, além de marcá-los dentro de uma “geografia do medo” (BABELS, 2018, p. 15) e do “espetáculo do medo” (RAPPORTO CARTA DI ROMA, 2019).

Fronteiras como espaços líquidos é uma ideia que diz respeito a suas representações ao longo do tempo, pois nem sempre os confins dos Estados Nações foram militarizados como vemos atualmente, sobretudo em certas zonas (fronteira do México com os Estados Unidos e fronteiras dos países que confinam com a União Européia pelo mar Mediterrâneo). As fronteiras são também lugares de troca e colaboração, como no caso dos ativistas por direitos humanos nos navios de suas respectivas Organizações. Elas são portas e pontes, violentas ou pacíficas, como o aparato de segurança militarizado e financiado pela Europa através de Operações que ora salvam, ora afundam essas embarcações, escancarando o confronto entre alteridades (DUBET, 2018).



As ilhas de Lampedusa e da Sicília, no sul da Itália, são as duas principais portas de entrada dos migrantes e refugiados na Itália e Europa, além de outros países banhados pelo mar Mediterrâneo como Espanha, Grécia, Turquia e a ilha de Malta. Lampedusa tem 22 km² situados a 300 quilômetros e se tornou um espaço de luta dos diversos agentes da migração envolvidos (Estado, Organizações não governamentais, poder local, habitantes, militantes dos direitos humanos, polícias). Além disso, as duas ilhas são locais de grande presença de turistas, o que muda bastante o impacto da migração nesses dois lugares, e a gestão dos corpos, por exemplo, a organização política faz com que turistas não cruzem com os refugiados, sendo estes últimos confinados em estruturas denominadas, desde 2016, de *Hotspot*, estruturas de primeira acolhida criadas na Itália e na Grécia (BABELS, 2018). Wacquant (2002) aponta que corpos não podem ser separados do Estado, do direito penal e da marginalidade e que o encarceramento diz respeito ao constrangimento desses corpos. Com a “fronteirização” não é diferente, esses corpos estão confinados nos limites de um território, impedidos de cruzar uma linha que é, sobretudo, política e simbólica. Essa ênfase na militarização e no arsenal de guerra em fronteiras, rotas de migrantes e refugiados, tem no corpo o elemento central: corpo expelido da *Polis*, corpo matável, corpo não desejável, corpo que precisa ser contido, corpo que não cabe mais nem mesmo como mão de obra para os países ricos, corpo fragilizado e ao mesmo tempo corpo invasor e corpo que ameaça. Uma das características da “fronteirização” é a brutalidade, afirma Mbembe (2017), que atinge, sobretudo, o corpo pela violência do Estado e pelo discurso que os corpos carregam, como lembra Butler, além da ação deliberada do uso da força.



2.2 Corpos de “imigrantes” dentro do território

Os termos utilizados para se referir aos imigrantes⁹ que vivem no território nacional são: “cidadão estrangeiro”, “de origem...”, “ítao-marroquino”, “senegalês”, etc. A forma de nominar esses corpos dentro do país também aponta para a condição de “Corpos Desconexos”, pois esses não têm uma vida cotidiana, uma cidadania, não interagem com os italianos, não estão no mercado de trabalho e não possuem vínculos com a sociedade. Eles também estão fora do tempo e do espaço da “normalidade”. Os cidadãos chamados por suas nacionalidades estão sujeitos a perder a cidadania a qualquer momento, como no caso da notícia do senegalês (termo usado pelo TG1) que sequestrou um ônibus escolar com 51 estudantes. Dos 30 minutos de jornal, mais de 7 foram dedicados ao caso e a ênfase foi no seu divórcio, desemprego e “bicos” que fazia para sobreviver. Esse corpo não tem família, não possui rede de suporte, vínculos sociais, logo é facilmente transformado em perigo para a sociedade.

Figura 6 - Rosto do “senegalês” que sequestrou um ônibus com estudantes



⁹“Imigrante” tendo como referência a definição da Organização das Nações Unidas.



Fonte: Imagem exibida pelo TG1 na edição do dia 20, mar. 2019.

No dia 20 de fevereiro de 2019, uma notícia é reveladora da forma como o TG1 insere o imigrante no território nacional e marca de forma negativa os espaços. A chamada é a seguinte: “Uma casa fechada, um covil de *pusher* eram as atividades do Gueto de Borgo Mezzanone, em Foggia”. Em reportagem de Valentina Di Virgilio, as seguintes palavras são pronunciadas:

Chamam-na “a pista”, agora em desuso. Um tempo fazia parte do aeroporto Militar. Do alto, uma olhada rápida, é impressionante. Fora, uma montanha de lixo, dentro, segundo a prefeitura, um covil de atividade ilegal, do tráfico de drogas à prostituição. Um gueto abusivo frequentado por imigrantes irregulares, havia até uma oficina improvisada para desmontar carros roubados, uma casa fechada, uma central de distribuição de drogas e uma discoteca. Tudo abusivo, inclusive fios elétricos para roubar energia (tradução minha).

Figura 7 - "Gueto", segundo o TG1



Fonte: Imagem exibida no dia 20, fev. 2019.



A imagem abaixo se refere a um assentamento na Calábria, onde ocorreu um incêndio que tirou a vida do jovem Soaro, de 18 anos, proveniente do Gâmbia. Aqui também vem acentuado o “proveniente” e não “imigrante” ou “refugiado”. O correspondente diz que Soaro queria estudar, por isso veio para a Itália, mas recolhia laranjas, depois acrescenta: “Nesse acampamento vivem 2000 pessoas”.

Figura 8- Assentamento de “imigrantes”



Fonte: Imagem exibida pelo telejornal TG 1 na edição do dia 02, dez. 2019.

A vulnerabilidade desse corpo, também na cidade, devido à condição de exclusão social, nos remete àquilo que Butler (2017) aponta como o suporte e as relações desse corpo, pois para a autora, o corpo é o conjunto de relações viventes que não pode ser dissociado das condições infraestruturas e ambientais.

Esse corpo, segundo a fonte, vive em lugares à parte, ora chamado de “gueto”, ora de “assentamento abusivo” e, estes espaços são apresentados como o prolongamento do modo de vida dos cidadãos de países africanos mostrados constantemente na mídia como o local da fome, das guerras e do degrado. Memmi (1977) descreve muito bem como a construção do *Outro* colonizado passa pelo espaço e território

que ocupa, pois tudo isso indica a “desvalorização a tudo aquilo que o toca” (p.67), desde o seu país de origem, ao seu clima, cheiro e, quando migra, parece carregar consigo esse estigma que estende até mesmo para as zonas que ele vai habitar.

A imagem seguinte é de corpos que não param, que estão sempre em marcha, corpos itinerantes, corpos errantes, corpos novamente negros. Três imigrantes tentam atravessar as montanhas gélidas da Itália para chegar até a França. “São 10 graus abaixo de zero”, diz o jornalista que os acompanha e pergunta a um deles, sem mostrar seus rostos: “Você sabe que é perigoso?” A resposta é curta e direta: “Sim, eu sei”. O jornalista, ao lado dos três homens que atravessam as montanhas, diz, sem nenhum pudor, que muitos já tentaram fazer esse percurso e que “três morreram congelados”.

Figura 9–“Imigrantes” tentando atravessar as montanhas da Itália para chegar à França



Fonte: Imagem exibida pelo telejornal TG1 na edição do dia 30, jan. 2019.

Figura 10–“Imigrantes” tentando atravessar as montanhas para chegar à França



Fonte: Imagem exibida pelo telejornal TG1 na edição do dia 30, jan. 2019.

E continua: “Não têm tocha, nem mapa, muito menos GPS. Todas as suas roupas estão em uma mochila ou qualquer sacola de plástico. Não há caminho, somente os sinais deixados por outros imigrantes. Não podem errar.” Essa narrativa da ausência de um aparato para a travessia e da carência coloca estes corpos migrantes numa situação que contrasta com a ideia de europeu: o risco, a improvisação, a ausência de cálculo e a falta de previsão dos obstáculos, logo, da irracionalidade. Nesse sentido, esse enquadramento nos remete às palavras de Frantz Fanon:

Aqueles que não inventaram nem a pólvora, nem a bússola, aqueles que nunca souberam domar nem o vapor nem a eletricidade. Aqueles que não exploraram nem os mares nem os céus, mas conhecem o país do sofrimento nos seus mais insignificantes recantos, cujas únicas viagens foram de desenraizamento [...] (Fanon, 2008, p. 113, 114).



Mais adiante, esses corpos somem entre as árvores para, mais à frente, o jornalista mostrá-los sendo presos pela polícia de fronteira francesa e deles não temos mais notícias. É interessante o corpo branco do jornalista que os acompanham e as palavras que ele usa para interrogá-los e o que ele acha importante enfatizar, mostra uma radical alteridade entre eles. Ele ainda esperou o desfecho desses corpos, parecendo saber o que lhes esperavam. A notícia, assim como a maioria delas, mostra esse corpo desconexo sem perspectiva de chegada, fechando-o dentro de uma concepção de tempo onde não existe um depois, por isso é circular. Nesse caso, o fim se confirma e é aquele da prisão, fecha-se novamente um ciclo: navio, prisão, fuga, prisão, rua, expulsão, fuga e prisão novamente.

Em 23 de janeiro de 2018, a edição do TG1 traz a seguinte chamada: “Migranti, Scontro sulla missione Sophia” (Migrantes, confronto sobre a missão Sofia)¹⁰. No fundo da tela, atrás do apresentador, uma foto de um navio no mar. O apresentador lê a fala do porta-voz do governo alemão sobre a retirada dos seus navios da missão denominada “Sophia”, alegando que: “Há nove meses a marinha italiana nos mandou para uma área remota onde não há nenhum traficante de seres humanos. E isso não tem nenhum sentido”. Em seguida, o ministro da segurança, Matteo Salvini diz “ou se mudam as regras ou a missão acaba”. Após a notícia, a jornalista anuncia a transferência de 70 imigrantes de um Centro de acolhida, devido ao Decreto Salvini aplicado nas regiões Marche, Abruzzo e Melise. Uma deputada do parlamento europeu tenta barrar o ônibus cheio de refugiados colocados para fora de estruturas, com o próprio corpo.

O Decreto Salvini é uma lei aprovada no parlamento italiano em setembro de 2018 que entra em vigor em dezembro do mesmo ano, por isso o início da pesquisa neste período. A lei aboliu a proteção humanitária, suspendendo pedidos e vistos e

¹⁰ Sophia é o nome de um navio, propriedade de organizações humanitárias, que salvam refugiados e imigrantes no mar Mediterrâneo, levando-os até a costa de algum país vizinho.



colocando para fora das estruturas de acolhida, refugiados de diversos países, inclusive mulheres grávidas. O jornal La Repubblica, do dia 30 de novembro de 2018, disse tratar-se de quarenta mil corpos jogados nas ruas da Itália depois do Decreto.

Um rapaz negro é entrevistado, afirmando não saber para onde ir e a repórter que o entrevista comenta: “Fechou o seu mundo numa mala” e, movendo-se de cima para baixo, a câmera passa a filmar as malas e pertences dos imigrantes. O jovem fala novamente: *“Não tem tempo para abraçar o amigo, não tem tempo para abraçar a família”*. Pelo menos nessa notícia há alguma menção ao fato de terem amigos e família, o que, no resto das notícias nunca aparece, embora as imagens aqui reforcem o contrário, mostrando pessoas sozinhas, com alguns poucos pertences, partindo sem destino.

É interessante como a reportagem reduziu as consequências do Decreto Salvini ao corpo que “fecha o mundo na mala”, pois ele não se fechou dessa forma, mesmo porque esse mundo não caberia todo ali, mas o enquadramento, esse sim o fechou dessa forma. E o ônibus parte enquanto a voz da jornalista continua: “Perderão o ano escolar”, referindo-se às crianças e adolescentes que precisaram deixar o Centro repentinamente, sem nem mesmo explicar ao telespectador o motivo ou o destino desses corpos. “Tem esse rapaz que amarra a sua mala e vai embora por conta própria”, diz a repórter, enquanto a câmara o filma distanciando-se até desaparecer na neblina, com a sua bicicleta. Nota-se que a partida e o destino parecem estar nas mãos dos próprios imigrantes, através do termo “por conta própria”.

Figura 11– “Imigrante” expulso de um Centro de Acolhida depois do Decreto Salvini



Fonte: Imagem exibida na edição de 24, jan. 2019 do telejornal TG1.

Ao assistir a esta notícia e perceber como ela foi construída, conhecendo o Decreto e as denúncias das Organizações Sociais, é possível compreender que esse corpo não tem sossego, não tem paz, não há o mínimo de condições de estabilidade. A ele é imposto um constante deslocamento. Ele é apresentado em constante mudança, em tom de dramatização. A ele é impedido estabilizar-se, reconstruir suas vidas, mas não por escolha, e sim por um Decreto que não é apontado como causa do problema.

Sobre esse corpo não achar repouso ou tranquilidade, morada fixa ou destino, e não poder sequer desfazer suas malas, à espera de uma nova decisão política, penso no corpo cansado, com sono, afamado, dos personagens de Frantz Kafka, seja em “América” ou em “O Castelo”, em que esse corpo nunca repousa e não goza da paz e tranquilidade merecidas, pois assim que encontra um lugar para dormir, acreditando estar ao seguro, logo é interrompido bruscamente por algum acontecimento violento e inesperado e toda a trajetória de sair em busca de algum lugar, recomeça. Essa situação é ampliada pelo TG1, mas longe de ser retratada como



uma forma de opressão, de negação de direitos humanos básicos, ela é apresentada como “Espetáculo do Outro”, nos termos de Hall (1997), fazendo recair sobre os imigrantes e os refugiados a responsabilidade pela instabilidade e os deslocamentos.

A omissão do TG1 sobre o que é o Decreto Salvini de 2018 e os impactos que ele gerou, como o aumento da população de rua, a formação de aglomerados urbanos clandestinos, chamados em uma das notícias de “gueto”, pode ser lida como estratégia política, pois a presença de 40 mil corpos nas ruas da Itália¹¹ poderia gerar pânico e reprovação da opinião pública, até mesmo entre os apoiadores do governo de direita. Por exemplo, não houve menção ao destino desses corpos ou de como o governo pretendia gerir esse número de desalojados, se no caso de deportação, quem pagaria pelos custos ou se seriam enviados, por exemplo, novamente para zonas de guerra. Esta é uma estratégia de “regular o campo visual”, como identificou Butler (2015), durante o governo Bush que, com relação aos atentados de 11 de setembro, tentou censurar notícias e a divulgação das torturas cometidas por soldados estadunidenses em prisioneiros no Iraque. Controlar o que uma população pode ver também direciona o sentimento de luto, indignação, comoção e ódio (BUTLER, 2004).

3. Conclusão

O TG1 produz e reproduz imagens estereotipadas e desumanizantes dos imigrantes e refugiados os quais denominei “Corpos Desconexos”, a caminho ou dentro do

¹¹LA REPUBBLICA, do dia 30 de novembro de 2018, trouxe a manchete: “Migranti, via ala stretta: fuori dai centri in 40 mil” (Migrantes, começa uma fase mais dura: fora dos centros 40 mil)



território, descolados do resto da sociedade, sem uma vida cotidiana, relações de trabalho ou familiares. A fonte expõe esses corpos como um recipiente esvaziado de subjetividade, pois ele não fala por si, ele não tem biografia, nome, local de origem, um motivo de fuga, não possui vínculos, afeto e tampouco uma perspectiva de chegada. Seu tempo é cíclico e não progressivo: começa com a viagem, passando por prisões ou “guetos”. Chegando ou dentro do país, ele é confinado quando comete algum crime ou quando ele é a vítima. Os corpos chamados de “imigrantes” são prevalentemente masculinos, jovens e negros, aparecem na massa, provenientes do continente africano, cujo aspecto enfatizado é a carência, produzindo uma alteridade radical em relação aos italianos. Já no território, o enquadramento e as narrativas, são de criminalidade e segregação, corroborando para a associação da chegada das embarcações com o perigo que representam para a sociedade.

Segundo a fonte, eles não contribuem com a vida social, não estão inseridos no mercado de trabalho e não têm casa e família. Para a sociedade italiana, estes aspectos são demasiadamente importantes e representativos do que seja um ideal de vida. Desconectar estes corpos que chegam, do modo de vida italiano/ocidental/europeu, é uma forma de torná-los matáveis. Esta construção é instrumentalizada pela política, presente sobretudo na figura de Matteo Salvini, então ministro da segurança no período que agrega grande consenso da população italiana, sobretudo no que diz respeito ao tema da imigração ligado à invasão e ao pioramento das condições de vida na Itália.

Referências

BABELS (Bibliothèque des Frontières), **Méditerranée**: Des Frontières à la Dérive, Editon le Passager Clandestin, 2018.



BALIBAR, E. **We the people of Europe**: Reflections of transnational citizenship. New Jersey: Princeton University of Press, 2004.

BUTLER, J. L. **Alleanza dei corpi**: Milano, Nottetempo, 2017.

_____. **Precarious life**: The Powers of Mourning and violence: London, Ed. Verso, 2004.

DUBET F. **Politiques dèsfronteires**: Paris, Editions La Découverte/Fondations pour les sciences sociales, 2018.

EINAUDI, L. **Le Politiche dell'immigrazione in Italia dall'Unità a oggi**: Roma, Editora Laterza, 2007.

FRANTZ F. **Pele negra, máscaras brancas**: Salvador, EDUFBA, 2008.

FEDERICI, S. **Calibano e la strega**. Le donne, il corpo e l'accumulazione originaria: Milano, Mimesis, 2015.

GOMES, I. **Metodologias de análise de telejornalismo**. In: Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo: Salvador, EDUFBA, 2011.

GOIS, P. **Do ruir do muro de Berlim a uma Europa com fronteiras**. In BAENINGER R., CANALES A. (COORD.). Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó": Nepo/Unicamp, 2018, p. 41-55.

HALL, S. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices: London, The Open University, 1997.

MBEMBE A. **A Crítica da Razão Negra**: Portugal, Antígona, 2014.

_____. Necropolítica. Biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte. **Revista Arte e Ensaio**. 2: 122-151, 2016.

_____. **Políticas da inimizade**: Lisboa: Ed. Antígona, 2017.

MEMMI A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**: Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

VII Rapporto Carta di Roma, **Notizie Senza Approdo**, (a cura di) Associazione Carta di Roma, Fondazione Demos e Pi, Osservatorio di Pavia, 2019.

SASSEN, S. **Expulsions: brutality and complexity in the global economy**. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

_____. **Guests and Aliens**: New York, The New Press, 1999.



Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

SIBHATU R. **Il Cittadino che non c'è. L'immigrazione nei media italiani**: Roma, Roma, 2004.

VII Rapporto Carta di Roma, **Notizie Senza Approdo**, (a cura di) Associazione Carta di Roma, Fondazione Demos e Pi, Osservatorio di Pavia, 2019.